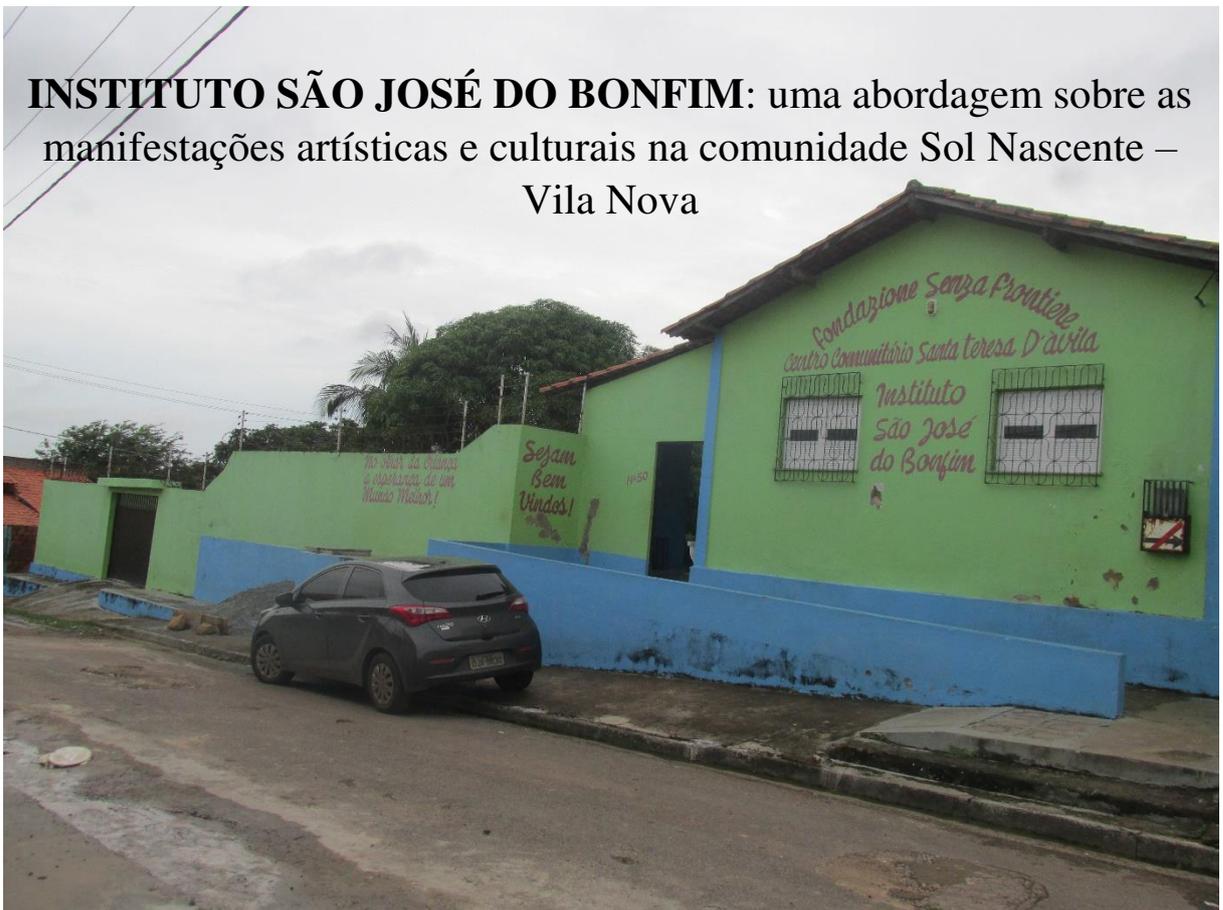


UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

MARIA JULIETA ROCHA DA SILVA

INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM: uma abordagem sobre as
manifestações artísticas e culturais na comunidade Sol Nascente –
Vila Nova



São Luís

2018

MARIA JULIETA ROCHA DA SILVA

INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM: uma abordagem sobre as manifestações artísticas e culturais na comunidade Sol Nascente – Vila Nova

Monografia apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Ms. Gersino dos Santos Martins.

São Luís

2018

Silva, Maria Julieta Rocha da. Instituto São José do Bonfim: uma abordagem sobre as manifestações artísticas e culturais na comunidade Sol Nascente – Vila Nova. Maria Julieta Rocha da Silva. - São Luís, 2018.

51 fl : il.

Orientador: Gersino dos Santos Martins

Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal do Maranhão, 2018.

1. Instituto São José do Bonfim – Manifestações artísticas.
2. Artes visuais – Socialização. 3. Educação não formal. 4. Título.

CDU: 7:376

INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM: uma abordagem sobre as manifestações artísticas e culturais na comunidade Sol Nascente – Vila Nova

Monografia apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Ms. Gersino dos Santos Martins

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador Prof. Ms. Gersino dos Santos Martins

1º Examinador

2º Examinador

À Diana Rocha da Silva, minha filha querida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ajudar a obter êxito nessa caminhada.

Ao meu orientador Gersino, pelo apoio e compreensão durante as constantes orientações.

Agradeço a minha banca avaliadora, formada pelos professores Paulo Cesar Alves de Carvalho e Hellen Rose pela leitura atenta e valorosa.

Às professoras Regiane, Viviane, Larissa, pelo incentivo e atenção dispensada a mim. Além do apoio, orientação e confiança que eu poderia realizar esse trabalho.

Aos professores Adriano Kilala, Donato e Pablo pelo incentivo e apoio.

Aos funcionários e alunos do Instituto São José do Bonfim, pela disposição em relatar o seu dia-a-dia e contribuir com essa pesquisa. Em especial à coordenadora que sempre se mostrou disposta a ajudar na elaboração dessa monografia.

À Maria Cecília Rocha, minha mãe (in memória) pelo incentivo e amor, eu sei que certamente esse momento significaria muito para ela.

Ao meu irmão Pedro Êxodo Rocha, pelo apoio e orgulho em me ver defender essa monografia.

À minha filha pela confiança no meu trabalho.

Ao meu neto Rômulo por me assessorar nas constantes visitas ao Instituto.

Às amigas de Curso Isabel, Rizomar, Vilce, Mayara, Carmem, Eduardo Sereno pelo convívio amistoso e apoio durante todo o Curso e às amigas da Biblioteca Central da UFMA Eliane Cristina do Nascimento, Maria da Glória Veras Araújo, a bibliotecária Araceli Xavier da Silva, e a diretora Maria de Fátima Oliveira Costa.

A todos o meu muito obrigada!

O movimento de Arte para a Reconstrução Social vem demonstrando a necessidade da arte para todos os seres humanos, por mais inumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém.
Carvalho (2008).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	LOCALIZAÇÃO DA PONTA DO BONFIM-VILA NOVA	16
FIGURA 2 –	APRESENTAÇÃO DO BUMBA-MEU-BOI	34
FIGURA 3 –	APRESENTAÇÃO DO BUMBA-MEU-BOI	34
FIGURA 4 –	INDUMENTÁRIAS DA OFICINA DE BUMBA MEU BOI.....	35
FIGURA 5 –	OFICINA DE PINTURA	35
FIGURA 6 –	OFICINA DE VAGONITE.....	35
FIGURA 7 –	SALA DE LEITURA	36
FIGURA 8 –	SALA DE LEITURA	36
FIGURA 9 –	OFICINA DE TECLADO.....	36
FIGURA 10 –	OFICINA DE VIOLÃO	36
FIGURA 11 –	OFICINA DE LEITURA	37
FIGURA 12 –	OFICINA DE LEITURA	37
FIGURA 13 –	OFICINA DE CUSTOMIZAÇÃO	39
FIGURA 14 –	OFICINA DE CUSTOMIZAÇÃO	39
FIGURA 15 –	OFICINA DE PINTURA	39
FIGURA 16 –	OFICINA DE PINTURA	39
FIGURA 17 –	OFICINA DE CAPOEIRA	40
FIGURA 18 –	OFICINA DE CAPOEIRA	40

RESUMO

Esse estudo centra-se no campo das artes visuais com o objetivo de investigar de que modo as atividades desenvolvidas no Instituto São José do Bonfim têm contribuído para a promoção e para o desenvolvimento humano da comunidade Sol Nascente – Vila Nova/São Luís-Ma. A tipologia de pesquisa adotada foi a bibliográfica e a pesquisa de campo. Para tanto, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: visita ao Instituto São José do Bonfim, para realização da observação direta; e coleta de entrevistas com a coordenadora, oito instrutores e doze alunos das oficinas. A amostragem da pesquisa se constitui da escolha de um número representativo da população, levando-se em consideração aqueles participantes mais assíduos nos projetos desenvolvidos pelo Instituto. A forma de análise dos dados foi de natureza qualitativa. Como resultados o que se observa é que a maioria dos alunos resolvem realizar as oficinas de pintura, bordado, e confecção de cartões pelo fato de lhes proporcionar um retorno financeiro imediato. Essas oficinas tem um duplo papel para os alunos e professores, desenvolver habilidades artesanais e, por meio do ambiente amistoso, harmônico transmitir valores, instrução sobre violência, cuidado com a saúde e o estímulo ao ensino formal. Esse aspecto faz deduzir que os alunos veem no Instituto uma saída para o estado de caos em que se encontram, veem que por meio das oficinas podem ter uma nova perspectiva de vida, podem ter outras oportunidades e sair da situação de vulnerabilidade em que se acham.

Palavras-chave: Artes visuais. Educação não formal. Instituto São José do Bonfim.

ABSTRACT

This study underpins in the visual arts field and aims at exploring on how the activities conducted at São José do Bonfim Institute have contributed to the promotion and human development in the community Sol Nascente, located in Vila Nova, São Luís, Maranhão, Brazil. The type of research adopted was the bibliographical and the field research. Within this framework, the following methodological procedures were adopted: visits to the São José do Bonfim Institute, for direct observation; and interviews conducted in workshops with the coordinator, eight instructors, and twelve students. The sample consisted of a representative number of the population, taking into account the participants who are more assiduous in the projects offered by the Institute. Data analysis was based on a qualitative approach, as result it was observed that most of the students decide to hold the painting, embroidery, and card making workshops because they provide them with an immediate financial return. Those workshops play a dual role for students and teachers, as they function as spaces to develop craft skills but, above all because they are a friendly and harmonic environment, they function also as spaces to transmit values, instruction on violence, health care and the encouragement of formal education. This aspect leads to the conclusion that the students see in the Institute a way out of the state of chaos in which they find themselves. Moreover, they believe that through the workshops they can have a new perspective on life, having also other opportunities to leave behind their current situation of vulnerability.

Keywords: Visual arts. Non-formal education. São José do Bonfim Institute.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM EM CONTEXTO HISTÓRICO E AÇÕES COMUNITÁRIAS	16
3	TIPO DE EDUCAÇÃO DESENVOLVIDA NO INSTITUTO SÃO JOSÉ - NÃO FORMAL	20
4	EXPRESSÕES ARTÍSTICAS COMO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E INTELLECTUAL	23
4.1	Música	23
4.2	Artesanato	25
4.3	Dança: capoeira e o Bumba-meu-Boi	26
4.4	Pintura	28
4.5	Vagonite	28
5	ENTRE AS AÇÕES E REAÇÕES: o Instituto São José do BonFim como promotor de ações culturais	30
5.1	Aspectos sociais e educativos e os objetivos alcançados no Instituto	33
5.2	A visão dos educandos	41
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE	49

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre as expressões artísticas e culturais nos faz refletir sobre os papéis amplos que o campo das artes visuais nos proporciona atuar. Existem várias formas de nos expressarmos, seja sorrindo, cantando, dançando, falando, gesticulando, entre outras. Mas existem também outras maneiras de demonstrar o nosso pensamento por meio da arte, como, por exemplo, através da música, da dança, da pintura, da fotografia, do teatro, dentre outras.

As atividades artísticas culturais, em muitos casos, são utilizadas com fins específicos, como nas instituições de educação não formal, onde se permite empregar e promover uma integração e socialização entre públicos distintos. No campo das artes visuais há uma hibridização entre pessoas de diferentes condições sociais, diferentes idades e de diferentes concepções artísticas e religiosas. Sobre esse aspecto, observamos que “o movimento de Arte para a reconstrução social vem demonstrando a necessidade da Arte para todos os seres humanos” (CARVALHO, 2008, p. 7), independente de classe, credo, religião, etnia, escolaridade e outros aspectos importantes ao desenvolvimento humano.

De fato, o que se deseja é fazer com que as pessoas, a sociedade como um todo, percebam que, por meio das artes visuais e de suas manifestações, podemos contribuir para o despertar de novas perspectivas de vida, enfatizando o incentivo à criatividade, à integração, à socialização, aos aprendizados múltiplos e, principalmente, à valorização dos sujeitos.

Sabendo do valor das expressões artísticas como mecanismos de inclusão ou de mudança social, o Instituto São José do Bonfim, localizado na zona periférica de São Luís do Maranhão, mais precisamente no bairro do Sol Nascente/Vila Nova, atua como um importante espaço de socialização para as pessoas que vivem em estado de vulnerabilidade social. O Instituto promove a inclusão através dos seus projetos artísticos e culturais, pois o intuito é contribuir para a redução da discriminação dos moradores de áreas de risco social, promover a geração de renda para os participantes do projeto, ajudar a prevenir e minimizar a violência na comunidade próxima, melhorar as condições do fazer artístico e acesso ao mercado cultural e de trabalho.

Utilizamos a expressão vulnerabilidade social em oposição às pessoas carentes, pois

As expressões em situação de risco ou em situação de vulnerabilidade têm sido empregadas, preferencialmente pelas Ongs, em substituição ou em contraposição ao termo carente, muito utilizado pela mídia. Esse termo impregnado de preconceitos e estereótipos, tem sido utilizado referindo-se às crianças e ao jovem pobre para identifica-los como indivíduos de comportamento fora das normas. A diferença de conceitos é sutil, mas essencial, julgar que meninos, por serem pobres, são

potencialmente perigosos, resulta numa impressão de que eles constituem uma ameaça à sociedade. Assim, precisa-se cuidar desses meninos para proteger a sociedade, impedindo que eles se tornem uma ameaça à sociedade. Ao contrário, quando se considera que são os meninos pobres quem tem sua integridade ameaçada, muda-se a perspectiva. O foco resulta, agora, numa compreensão de que são as crianças e os adolescentes que estão expostos ao perigo, nesse caso, são eles que necessitam de proteção (CARVALHO, 2008, p. 102).

Assim, compreendendo o valor da arte visual aplicada em locais desfavorecidos pelo poder público, e sabendo dos benefícios relacionados à adoção das manifestações artísticas e culturais, acreditamos que esta pesquisa seja de suma importância, já que, por meio dela, podemos apontar caminhos para a valorização dos empreendimentos artísticos e levar para a população mais carente os benefícios dos projetos desenvolvidos no Instituto São José do Bonfim.

Nesse sentido, é necessário investigar até que ponto as ações culturais têm sido implementadas em locais onde a educação não formal existe e entender de que modo ela proporciona a integração e a cidadania à população beneficiada. Outras questões surgem de forma transversal: qual o papel da arte em projetos socioeducativos e culturais? De que maneira as manifestações artísticas podem propiciar às crianças e adolescentes o direito de ter direito, o direito de ter conhecimento, sonhos e confiança, viabilizando a superação das barreiras pela inclusão social?

Entendemos a inclusão social por meio de Sasaki (1997, p. 3), que define esse termo como sendo “um processo bilateral, no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos”. Em outras palavras, é um conjunto de meios e ações que visam combater a exclusão social, possibilitando aos excluídos novas oportunidades de acesso às questões da vida em sociedade, provocadas pela falta de classe social, origem geográfica, educação e idade (SASSAKI, 1997, p. 3).

A partir dessas questões, podemos pensar em algumas possibilidades para a compreensão ou aproximação do nosso objeto de estudo, ou seja, as manifestações artísticas – contemplando as artes visuais e formativas promovidas pelo Instituto São José e efetivadas para a promoção da cidadania. Acreditamos que, por meio dessas ações, a população pode ser beneficiada, pois, ao desenvolverem esses projetos, os coordenadores e os instrutores se preocupam não somente em oferecer arte como espetáculo, mas focar também no cunho social, no retorno para a comunidade, na cooperação para a transformação social desses indivíduos.

Diante do exposto, a pesquisa propõe os seguintes objetivos:

- Investigar de que modo as atividades artísticas desenvolvidas no Instituto São José do Bonfim têm promovido a socialização e o desenvolvimento humano na comunidade Sol Nascente – Vila Nova; Resgatar a história desse Instituto; compreender o papel social do Instituto São José do Bonfim; Investigar a história de vida dos indivíduos que participam dos projetos promovidos pelo Instituto; Verificar os mecanismos utilizados nos projetos com a intenção de promover a integração dos seus participantes; Identificar as ações culturais promovidas pelo Instituto; e Identificar o processo de interação entre os funcionários e os integrantes do instituto.

Será adotada a pesquisa bibliográfica com a intenção de compreender os assuntos relacionados ao nosso trabalho, como a educação não formal, o ensino de arte como ramo desse tipo de educação, as ONGs como promotoras de cultura e as manifestações culturais como princípio de libertação e integração social. Em segundo lugar, será utilizada a pesquisa de campo e adotados os seguintes procedimentos metodológicos: visita ao Instituto São José do Bonfim, para realização da observação direta; e coleta de entrevistas com a coordenadora, oito instrutores e doze alunos das oficinas.

A amostragem da pesquisa se constitui da escolha de um número representativo da população, levando-se em consideração aqueles participantes mais assíduos nos projetos desenvolvidos pelo Instituto. A forma de análise dos dados será de natureza qualitativa.

As razões para realizar esta pesquisa surgiram quando a investigadora cursou a disciplina de Laboratório Pedagógico V¹, e teve a oportunidade de desenvolver um trabalho de pesquisa de campo focado na educação não formal no Instituto São José do Bonfim. Nesse encontro, a pesquisadora conheceu a história da instituição e as atividades direcionadas à comunidade em vulnerabilidade social, principalmente aquelas relacionadas às manifestações culturais, tais como o Bumba-meu-boi, peças de teatro, ensino de canto, aulas de artesanato (pintura em tecido, crochê, bordado).

Uma das principais preocupações desse Instituto consiste em oferecer meios ou ocupações para que as crianças que fazem parte dos projetos fiquem distantes da criminalidade e, ao serem incluídos nos projetos culturais, obtenham a cidadania de fato.

Nesse sentido, podemos dizer que esse tipo de educação tem como foco capacitar os indivíduos para se tornarem cidadãos do mundo e se veem nesse mundo. Participar dele como sujeitos e não como meros espectadores. Essas finalidades são constantemente construídas a partir da “interação com o outro, com o mundo que o circunda e consigo próprio, transformando

¹ Esta disciplina integrava o currículo de Artes Visuais I, o mesmo foi modificado em 2017, conforme o Projeto Político Pedagógico de Artes Visuais II passando a ser denominado “Laboratório Artístico e Cultural”.

o seu modo de pensar e agir, dando-lhe a oportunidade de se ver como cidadãos, pois essa educação prepara o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo” (GOHN, 2006, p. 30).

Na próxima seção, apresentamos o Instituto São José do Bomfim, bem como destacamos as atividades que são desenvolvidas com a comunidade do entorno.

1930, quando pessoas começaram a povoar uma vila conhecida como Colônia do Bonfim², formada por parentes de pessoas portadoras de hanseníase e que ocuparam a área do entorno do hospital, dando origem ao bairro. A partir dos anos 1960, por conta do êxodo rural, muitas famílias do interior do estado, como pescadores, operários, trabalhadores semi-rurais e pequenos comerciantes, ocuparam essa região. Ainda hoje, a região é caracterizada como uma área populacional pobre, com vários problemas sociais: desemprego, violência, prostituição e um forte índice de tráfico de drogas entre os jovens (INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM, 2012).

Quantitativamente, os indicadores apontam que muitos domicílios ainda estão desprovidos de rede de esgoto, segurança pública e saúde. Cerca de 46% são beneficiários do bolsa família, 8% vivem em extrema pobreza, 21% vivem desprovidos de rede de água e esgoto. Em relação à educação, cerca de 5% das crianças entre 10 e 14 anos e 10% acima de 15 anos são analfabetas, 11% em estado de desnutrição ao nascer, 16% sem registro de nascimento, 30% de mães adolescentes e 50% de escolas sem acessibilidade física.

Essa realidade retrata bem o estado em que a população da região da Ponta do Bonfim enfrenta constantemente, chamando a atenção para que organizações não governamentais implantem ações que minimizem os efeitos da falta de recursos, ou da falta de políticas públicas voltadas para essa localidade³.

Foi em virtude do estado de vulnerabilidade social pelo qual passava a comunidade do Bonfim, aliado aos preconceitos por essa vila sediar um leprosário, que a Companhia de Santa Teresa de Jesus, composta por freiras conhecidas por “Teresianas” e encaminhadas para essa região, teve como objetivo, segundo relatos sobre a história do Instituto Bonfim, ser “presença solidária entre os mais pobres em um bairro da periferia de São Luís e contribuir com a caminhada das CEB’s pastorais de educação popular e na formação de lideranças”. De acordo com o diagnóstico dessa Companhia, “o povo vivia na situação de grande pobreza, lugar esse

² “A Colônia do Bonfim é um antigo hospital, estilo colônia, localizado na capital maranhense. Hoje, é mais conhecido com Hospital Aquiles Lisboa, especializado no tratamento dos portadores de hanseníase. Dizem os mais antigos que esse nome veio como reverência ao Nosso Senhor do Bom Fim, outros já dizem que era porque as pessoas eram internadas lá para ter um bom fim de vida. Mas na verdade, deve-se ao Cabo do Bomfim. Segundo historiadores, a verdadeira origem do nome Colônia do Bonfim é porque ela foi construída para “abrigar leprosos”, na Ponta do Bonfim, sendo separada do centro da cidade pelo rio Bacanga. O local foi escolhido exatamente por ser bem afastado e de difícil acesso, pois antes a única forma de transporte era pelo mar. Assim, tornou-se ideal para o isolamento de “leprosos” como forma de afastá-los definitivamente do convívio social”. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2014/09/08/colonia-do-bonfim-o-lado-b-da-historia-maranhense.shtml>>. Acesso em: 8 maio 2018.

³ Diagnóstico social da área Itaqui Bacanga e regiões próximas. Disponível em: <www.nossasaoluis.org.br>. Acesso em: 17 dez. 2017.

que foi crescendo pelas ocupações do povo que ainda neste tempo sofria com a decadência de saneamento, transporte e urbanização” (INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM, 2012).

O terreno para a construção do Instituto foi adquirido em 2001, por meio de recursos provenientes da realização de um bingo de uma panela de pressão e de contribuição da congregação das Irmãs Teresianas no valor de R\$850,00. Segundo relatos dos voluntários, a construção foi realizada pelo próprio povo da comunidade, sendo necessário, em alguns casos, a contratação de profissionais para a construção específica de determinada área.

Em 2002, a obra do primeiro prédio foi concluída. A edificação era composta por cozinha, dois banheiros e auditório, e servia, principalmente, para a realização dos encontros religiosos. Nesse mesmo ano foi formada a primeira associação de mulheres, com a participação da comunidade do entorno. Além das atividades religiosas, a própria comunidade demandou outras ações que, aos poucos, foram introduzidas pelas Teresianas, a exemplo das oficinas de pintura e aulas de alfabetização. As atividades visavam minimizar os altos índices de reprovação entre as crianças. As irmãs também implantaram um espaço para leitura por meio de um projeto que foi desenvolvido durante os anos de 2001 a 2006. Em 2006, as Teresianas deixaram a direção do Instituto (INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM, 2012).

Em 2006, com a vinda do Pároco Pe. Luzimar Moura da Luz, os trabalhos sociais se expandiram. Além das oficinas existentes, foram implantadas aulas de teclado, violão, canto, capoeira, bumba-meu-boi e um curso de informática. O olhar empreendedor do Pe. Luzimar mudou de forma significativa a atuação do Instituto, tendo como meta oferecer cursos que contribuíssem para a autoestima das pessoas ou que lhes possibilitassem outra forma de resistência contra a realidade de desamparo sofrida pela comunidade. No dia 28 de novembro de 2009 o Instituto foi legalmente criado.

Os projetos sociais foram pensados como forma de responder às seguintes preocupações: de que forma oferecer às crianças e adolescentes que habitavam esse local uma alternativa ou uma expectativa de vida digna no futuro? Como o Instituto poderia colaborar para a superação do atraso social existente nessa comunidade? Por esses motivos, foram criados os cursos de computação, de artesanato, atividades culturais e folclóricas, palestras educativas, oficinas de música, dança e canto.

Portanto, compreendemos que as organizações não governamentais se concentram no desafio de oportunizar às comunidades carentes a chance de ter perspectivas. Nesse caso, as “ONGs que trabalham com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, todas elas que tem obtido sucesso, estão trabalhando com Arte e até vêm ensinando às escolas formais

a lição como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano” (CARVALHO, 2008, p. 68).

Carvalho (2008) pontua que essas organizações desenvolvem atividades realmente importantes e que impactam na sociedade, pois, em sua maioria, estão direcionadas à defesa dos direitos sociais, isto é, de “crianças e jovens desfavorecidos em termos econômicos, sociais e psicológicos. Suas ações, mesmo sendo dirigidas a grupos específicos, têm por finalidade contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária” (CARVALHO, 2008, p. 68).

Na próxima seção serão descritos os tipos de educação existentes e qual modelo é seguido pelo Instituto São José do Bonfim.

3 TIPOS DE EDUCAÇÃO DESENVOLVIDAS NO INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM – NÃO FORMAL

Historicamente, a educação formal foi utilizada como principal formadora da humanidade. As instituições criadas tinham exclusivamente a finalidade de educar, de aplicar um ensino intencional, direcionado para tal fim, e de produzir a aprendizagem de conteúdos considerados úteis. Por outro lado, a educação informal, muito utilizada em igrejas e em centros comunitários, são bastante requeridas e representam importantes veículos que vão além do educar, ou sejam, promovem a socialização e a inclusão dos sujeitos na sociedade. Quando temos o ensino de hábitos, valores, experiências e habilidades fora das instituições criadas especificamente para esse fim, podemos dizer que a educação é informal: aquela que acontece espontaneamente, fugindo do currículo rígido.

Gohn (2006) faz uma breve análise sobre os tipos de educação: formal, informal e não formal. A primeira, como já foi dito, pode ser entendida como aquela educação intencionalmente criada para o fim de educar, ou seja, é a educação seguida pelas escolas, com conteúdos demarcados. A informal é aquela aprendida durante o seu processo de socialização, via compartilhamento de experiências na família, bairro, clube e amigos. É também caracterizada pelos valores e culturas próprias de onde o indivíduo se vê como sujeito pertencente a determinadas comunidades. A última, a educação não formal, é erroneamente assemelhada à informal, porém, ambas se distinguem. A educação não formal pode ser entendida como aquela em que se “aprende no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2006, p. 28). Nesse tipo de aprendizagem, quem educa é o outro com quem nos integramos e interagimos; ocorrem em territórios educativos que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos.

As ações com o espaço de educação não formal têm promovido, em alguns casos, o exercício da cidadania e amparado o papel que, por dever, é do Estado. Esse tipo de educação pode ser visto e experimentado pelas ONGs. Estas se constituem em espaços ou organizações não governamentais que surgiram a partir de um documento da ONU, na década de 1940, e são responsáveis por promover programas de cooperação internacional. As primeiras ONGs no Brasil surgiram atreladas às igrejas católicas e a alguns pesquisadores comprometidos com as questões sociais no desenvolvimento de projetos de assistência social (ACIOLI, 2008, p. 11).

Para Machado (2012), grande parte das ONGs que hoje atuam no campo tem seus projetos voltados para a comunidade e populações carentes. Analisando duas ONGs do estado

da Paraíba, a autora identifica que ambas seguem uma perspectiva progressista, pois “suas práticas educativas buscam por meio da metodologia da educação popular, conciliar a formação educativa e a capacitação técnica para a geração de renda ao processo de conscientização da política” (MACHADO, 2012, p. 3498).

Um dos suportes básicos da educação não formal é o fato de a aprendizagem se efetivar por meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera o aprendizado, já que [...] a educação não formal tem sempre um caráter coletivo, passa por um processo de ação grupal, é vivida como práxis concreta de um grupo ainda que o resultado do que se aprende seja absorvido individualmente (GOHN, 1999, p. 103-104).

Nessa mesma perspectiva, o ensino de arte tem sido empregado em projetos políticos pedagógicos de ONGs, principalmente naqueles dedicados a promover os direitos fundamentais da criança e do adolescente em situação de pobreza. Vale ressaltar que em grande parte dessas ONGs são utilizadas atividades artísticas como ferramentas de formação pessoal e profissional. De acordo com Carvalho (2008, p. 123), as propostas pedagógicas utilizadas nas ONGs são baseadas nos princípios filosóficos de Paulo Freire, que são: diálogo, análise da prática e construção do conhecimento a partir da realidade cultural do educando. Assim, as atividades grupais favorecem a aplicação desses princípios pedagógicos.

Ao focar na educação não formal, podemos pensar em que situações ela se mostra e em qual contexto se desenvolve, se ocorre em ambientes e situações interativas construídas coletivamente, seguindo diretrizes de dado grupo. Usualmente, é optativa, mas ela também poderá ocorrer por força de certas circunstâncias, sobretudo pela vivência histórica de cada um (GOHN, 2006, p. 29). Em complemento,

O ensino de Arte, principalmente em espaços não formais, é uma questão bastante complexa e não deve ser analisada de forma polarizada, assentada, unicamente, numa ou noutra categorização, contextualista ou essencialista. É importante salientar que, a Arte contribuía efetivamente no processo educativo, é indispensável conhecer e compreender não apenas seus pressupostos, mas principalmente nos propósitos da situação educativa onde ela será aplicada (CARVALHO, 2008, p. 86).

É a partir da compreensão do que seja educação não formal que tencionamos aproximar o nosso olhar para as manifestações e ações culturais desenvolvidas no Instituto São José do Bonfim, levando em consideração a integração da comunidade da Vila Nova e as possibilidades de desenvolvimento humano promovidas a partir dessas manifestações.

Dentre as instituições religiosas que promovem a educação para comunidades carentes, destacamos o Instituto São José criado, coordenado pela paróquia São José do Bonfim –

Arquidiocese de São Luís, localizado na Vila Nova, uma das localidades com maior déficit de desenvolvimento humano na capital do Maranhão. Nesse Instituto são promovidas algumas atividades e manifestação artísticas, como dança coreográficas, teatro, bumba-meu-boi, pintura, dentre outras, direcionadas não apenas para as crianças, mas para toda a comunidade carente do entorno.

Considerando os benefícios da educação não formal para as comunidades como um todo, observamos a materialização desse tipo de educação na adoção de manifestações artísticas no Instituto São José do Bonfim. Nesse sentido, é necessário sabermos quais são as atividades artísticas desenvolvidas no Instituto São José e até que ponto elas têm promovido a socialização dos participantes na comunidade.

Os resultados desta pesquisa se desdobram em outros aspectos, os quais se coadunam com alguns elementos considerados vitais para se verificar até que ponto essas ações contribuem para o desenvolvimento humano, para o despertar do senso comunitário nos alunos, do coletivo, da integração e cooperação.

O próximo tópico tratará do detalhamento das atividades desenvolvidas pelo Instituto São José do Bonfim com a comunidade do entorno.

4 EXPRESSÕES ARTÍSTICAS COMO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E INTELECTUAL

As formas de expressão artística surgiram e se desenvolveram a partir das necessidades de sobrevivência humana. Essa é uma forma do indivíduo expressar suas emoções, sua história e cultura, utilizando a arte como meio de comunicação. Há várias formas de demonstrar essas emoções, em alguns casos, por meio da expressão musical, pela utilização do canto e de instrumentos musicais; em outros, pela expressão corporal, com o uso do teatro e da dança; e, em último, o visual que utiliza as imagens, como desenho, pintura e fotografia.

Cada expressão artística apresenta características próprias, peculiares e capazes de se diferenciar das outras expressões. É importante pontuar os benefícios que as expressões artísticas, principalmente as que envolvem e o que elas exercem no comportamento humano.

4.1 Música

A música como forma de expressão artística assume importante influência na sociedade ao longo do tempo. Na Grécia, segundo Fonterrada (2008, p. 27), a música “colaborava na formação do caráter e da cidadania [...]”. Da mesma forma, em Atenas, incentivava-se o ensino de música na esperança de gerar o desenvolvimento ético e a integração social (FONTERRADA, 2008, p. 27). Queiroz (2000) acrescenta que, nessa região, a música era utilizada como terapia para acalmar o espírito, acreditando no seu poder de produzir certas emoções.

Em Roma, a música foi compreendida através do seu estilo próprio, sendo influenciada por povos de várias regiões. Assim como na Grécia, a música se destacava pelo seu caráter social, pois ajudava na formação da cidadania, além de influenciar no humor e no espírito dos cidadãos. Nesse sentido, “a música se apresenta como elemento central na estruturação dos movimentos sociais ligados à cultura e à política, promovendo mudanças nos paradigmas culturais e estéticos” (FONTERRADA, 2008, p. 27).

Sabendo dessa utilidade, vários desses aspectos ainda hoje perduram e são utilizados por instituições educativas, formais ou informais, com as mais diversas funções e significados, no intuito de transmitir valores, emoções e atitudes a serem praticados e valorizados. Diante disso, vemos que cada expressão artística também desempenha sua função social, a qual se concretiza nos processos de inserção social de crianças e adolescentes que vivem em áreas ou situações de vulnerabilidade social.

Nessa perspectiva, Melo (p. 48) declara que a “música pode incorporar o senso de comunidade e experiências que ultrapassam as paredes da identidade individual, tornando-se elemento essencial tanto estruturante como estruturador da sociedade contemporânea”. Cruvinel (2005) também esclarece que a música tem sido utilizada como poderoso mecanismo de transformação de indivíduos pertencentes a um grupo, conscientes do seu papel na sociedade atual.

Dada as várias utilidades da música, inúmeras possibilidades são aproveitadas pelos projetos sociais que a utilizam como fim inclusivo. De forma geral, a música garante que crianças, jovens e adultos compartilhem, por meio da mesma linguagem, sentimentos e atitudes que contribuam para o seu engajamento, para a sua inserção na sociedade, sobretudo pela aquisição e compartilhamento dos códigos cognitivos e dos atos coletivos que são culturais.

Para Pacievitch (2012), inclusão social é um termo amplo, utilizado em contextos diferentes, em referência a questões sociais variadas. Comumente, o termo é utilizado para fazer referência às escolas de ensino regular e ao mercado de trabalho, ou ainda às pessoas consideradas excluídas, que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade (condições socioeconômicas, gênero, etnia, falta de acesso a tecnologias e outros).

Algumas pesquisas indicam que a música tem uma ação direta no desenvolvimento humano. Seus benefícios são atestados em inúmeras fases da vida, como na superação de perdas ou traumas, no entretenimento, na estima de pessoas que já não acreditam em seu potencial criativo. Quanto aos fins sociais da música, Hikiji (2006, p. 73) declara que “a partir dos anos de 1970 a música tem sido usada em vários projetos voltados para os jovens e adolescentes em estado de vulnerabilidade social, crianças com baixo poder aquisitivo que se veem em desvantagem ou em situação de risco”.

Para esse autor, ao utilizar a música como recurso de interação social, abre-se um leque de oportunidades para que indivíduos sem perspectivas consigam superar seus medos e traumas e passem a vislumbrar novas alternativas de mudanças de vida.

Já segundo Kater (2004, p. 44), “a música e a educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar numa ferramenta original de formação, capaz de promover tanto os processos de conhecimentos quanto o de autoconhecimento”. É sabido que, no currículo formal, o ensino de música é uma disciplina obrigatória voltada para: comunicação e expressão em música (interpretação, improvisação e composição); apreciação significativa em música (escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical); e a música como produto cultural e histórico (música e sons do mundo) (MEC, 1997).

Por outro lado, na educação não formal,

Os projetos sociais na área da educação musical despontaram com toda força ao longo das últimas duas décadas, tomando significativas suprir as deficientes iniciativas socioculturais viabilizadas pelos governantes. Esses projetos, muitas vezes ligados a ONGs e outras instituições do terceiro setor, foram um ensino da música contextualizando com o universo sócio cultural (SANTOS, 2007, p. 3).

Em muitas situações, é por meio desses projetos que o indivíduo descobre seu potencial para a música e consegue assimilar os seus benefícios.

Para o aluno e sua família, o aprendizado de instrumentos está diretamente relacionado à possibilidade de mudança na sua vida, em condições precárias. Essa é uma primeira forma de atrair a atenção dos pais [...] em outro patamar, a sociedade brasileira revela a crença de que o governo não pode tudo fazer. Alguns artistas almejam, por iniciativa própria, levar adiante projetos na área de educação musical, com a clara convicção de que podem transformar socialmente pessoas, sobretudo crianças à margem da sociedade (VALENTE, 2014, p. 89).

2.2 Artesanato

O artesanato é também utilizado em muitos projetos sociais como forma de lazer, terapia ocupacional, entretenimento e de opção de renda, pois pode ser produzido com ou sem expectativa de rendimento. Entendemos por artesanato a produção manual resultante da transformação de matéria-prima por indivíduo que possua o domínio de técnicas específicas ou habilidades criativas e de valor cultural. De acordo com Lemos (2011, p. 14), “as atividades artesanais são aquelas em que as feições características do produto final dependem, em grande parte, da habilidade do trabalhador. O trabalho pode ser inteiramente manual ou contar com o auxílio de determinados instrumentos”.

No Brasil, Lemos (2011) aponta que a atividade artesanal se fortaleceu como empreendimento econômico a partir da década de 1970, quando o Governo Federal, através do Ministério do Trabalho, instituiu o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, passando a ser utilizada como renda para algumas famílias em situação de vulnerabilidade social. No Nordeste, essa atividade é bastante valorizada por conta de alguns fatores, como a falta de emprego e renda, a disponibilidade de matéria-prima e a criatividade dos artesãos (LEMOS, 2011). Sobre isso, Santos (2014, p. 63) acrescenta:

A atividade artesanal ou artesanato é, então, uma atividade econômica de transformação de matérias-primas em objetos utilitários e/ou decorativos, mediante processos essencialmente manuais e realizados por uma pessoa especializada em determinada arte – o artesão. Este pode ser proprietário e executor da atividade artesanal, como pode trabalhar numa empresa artesanal.

Nos projetos sociais, o artesanato cumpre um duplo papel, desempenha funções que vão além do econômico, como também fortalece a estima de homens, mulheres e crianças ao ver a matéria-prima transformada em objetos de contemplação ou de uso geral. Por meio do artesanato, os envolvidos percebem que são capazes de produzir bens úteis à vida e à sua contribuição para o mundo e para si mesmos. Santos (2014, p. 73) explica bem esse aspecto:

A realização manual de objetos tem um papel fundamental na autoestima e no bem-estar dos indivíduos e traz resultados positivos para o aumento da capacidade de concentração. O facto de realizar algo aumenta a autoestima e facilita a memorização do processo de realização. A realização de atividades artesanais na escola tem como objetivo melhorar a autoestima do aluno, mas também promover a sua autonomia pessoal e social. Ao mesmo tempo proporciona uma integração social efetiva como membro ativo da sociedade em que se insere.

2.3 Dança: capoeira e o Bumba-meu-boi

Outra forma de ofertar possibilidades às pessoas em áreas de risco social ou vulnerabilidade social é a dança. Nos projetos sociais, a dança é utilizada como forte ferramenta de incentivo, de estima, de lazer e de cultura para pessoas de diferentes faixas etárias e com diferentes visões de mundo. A dança é uma linguagem da arte que expressa diversas possibilidades de assimilação do mundo. Para Santos e Figueiredo (2003, p. 22):

A dança é uma das expressões significativas que integra o campo de possibilidades artísticas, contribuindo para a ampliação da aprendizagem e a formação humana. Dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança, que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante. É preciso que cada um de nós, ao sair de um espetáculo de dança que o tenha entusiasmado, se debruce sobre esse problema e o encare em nível da existência e não apenas no do espetáculo, transpondo desse modo a satisfação interior para o plano da participação duradoura. O lugar da dança é nas casas, nas ruas, na vida.

Partindo dessa concepção, entendemos a dança como arte, como libertação, como superação e como possibilidade de oportunidades. Santos e Figueiredo (2003, p. 23) ressaltam que a dança

Influenciou pessoas, modificou conceitos, mudou atitudes, transformou e renovou a vida dos que cruzaram seu caminho. A arte pode e deve ser vista como instrumento de inclusão social, complementando as diversas formas de desenvolver aprendizagens nas diferentes áreas do conhecimento.

Uma das danças mais utilizadas nos projetos sociais e que tem atraído a atenção, principalmente de jovens e adolescentes, é a capoeira. O conceito de capoeira remete à inclusão, pois é uma dança compartilhada, além de favorecer o “respeito às diferenças e se permitir

conhecer o novo e o outro. Nos dias de hoje, a capoeira se adaptou às demandas econômicas e sociais e ambos os estilos se permitiram adaptações, inclusive surgindo variações (SANTOS; FIGUEREDO, 2003).

Segundo Pires (1996 apud FIGUEIREDO; SANTOS, 2003, p. 30),

A capoeira é um elemento produtor de sociabilidades e conflitos. Para se promover a inclusão social através da capoeira, torna-se fundamental ampliar os tempos e os espaços para a prática, promover o debate relacionando seus conteúdos históricos, culturais e técnicos e, especialmente, garantir a experiência de uma de suas características mais essenciais: a ludicidade. A experiência da capoeira em projetos sociais permite aos seus praticantes o desenvolvimento da possibilidade de criar, brincar, sorrir ou como se diz no meio capoeirístico, vadiar. Desta forma, a capoeira se torna um elemento dinâmico de produção (e não apenas de reprodução) de cultura.

Já quanto à pesquisa de Palhares (2017), a capoeira pode ser compreendida enquanto aspecto pedagógico pelas suas características peculiares: é uma atividade física, motora, musical, social, folclórica, ritualística e filosófica. É agrupada nas seguintes categorias: arte, luta, folclore e esporte. A arte da capoeira também pode ser compreendida pelos seus aspectos musicais, teatrais e artesanais. Palhares (2017) apresenta ainda a dimensão conceitual, referindo-se ao que se deve saber; a procedimental, relacionada ao que fazer; e a atitudinal, ao como se deve ser.

A capoeira como conteúdo dos projetos sociais deve se remeter às dimensões conceitual (o que se deve saber), procedimental (o que se deve saber fazer) e atitudinal (como se deve ser). Um exemplo é a roda de capoeira, reunião em círculo onde os componentes se dividem e revezam em funções: tocar os instrumentos, cantar, bater palmas, responder o coro e o jogar. A prática corporal, ou seja, o próprio jogo da capoeira é a dimensão procedimental (o saber fazer); aprender a reconhecer a importância de todas as pessoas e funções e que sem uma delas a roda não se constitui plenamente é a dimensão atitudinal (aquisição de valores para a vida cotidiana); contextualizar o porquê da forma circular da roda, a inserção da musicalidade na capoeira ou a história da capoeira é a dimensão conceitual (o saber sobre o que se está fazendo).

Outra dança muito conhecida no Maranhão trata-se do Bumba-meu-boi. Tem como personagens pessoas e animais, e está baseada na lenda da morte e ressurreição de um boi. A festa tem ligação com diversas manifestações africanas, indígenas e europeias. É festejada no mês de junho, juntamente com as festas católicas de São João, São Pedro e São Marçal.

O bumba-meu-boi teve sua origem em Pernambuco, no século XIX, mais precisamente em 1840. Tornou-se a festa mais popular do Maranhão. De acordo com o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a manifestação folclórica recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil em 2011 e há projeto para pedir que seja declarado como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Matraca, pandeirão, orquestra, zabumba, baixada e costa de mão são os sotaques do estado maranhense. Por ser uma dança envolvente, as pessoas são atraídas pela beleza do bordado do boi, das danças e da festa em si.

Nesse sentido, o Instituto São José busca nessas linguagens artísticas desenvolver ações integradoras de valorização da cidadania e com isso promover o resgate da qualidade de vida em comunidade.

4.4 Pintura

A pintura em tecido surgiu originalmente na Indonésia. Era uma arte nobre que apenas as princesas e suas damas podiam praticar, pois somente elas dispunham de tempo suficiente para trabalhar os tecidos que normalmente eram de seda. De forma detalhada e elaborada, as tintas que usavam eram extraídas de plantas nativas da região, preparadas minuciosamente nas próprias casas, sob uma proteção esmerada.

A pintura refere-se, geralmente, à técnica de aplicar pigmento na forma líquida a uma superfície, com o objetivo de colori-la. Poucos são os registros sobre a teoria da pintura em tecido, talvez por, na maioria das vezes, essa técnica ter sido passada de forma não formal, de artesão para artesão, sem uma preocupação com a teoria.

Por certo, essa é uma das atividades consideradas mais comuns nas organizações não governamentais, sobretudo pela facilidade de transmitir a técnica, pelo interesse dos alunos que já na primeira aula podem visualizar a sua produção e pelas possibilidades de rendimento monetário, empreendido com a venda dos produtos em feiras de artesanatos.

4.5 Vagonite

É um tipo de bordado que nasceu na Suíça e se espalhou pela América Central, chegando ao sul do Brasil com os imigrantes, logo após a Primeira Guerra Mundial. Esse bordado é originário do ponto cruz, pois ambos formam desenhos horizontais ou verticais, e na mesma largura. Os desenhos são confeccionados geometricamente com pontos cheios sobre o espaço do tecido desfiado. São muitas as variações de cores para transformar a beleza dos bordados, os quais são mais usados em delicados artigos de cama, juntamente com suas fronhas, jogos de mesas, lenços, panos de prato, caminhos de mesa, jogos de banho, dentre outras aplicações.

De acordo com Michele Laube, o bordado baseado em figuras geométricas, que pode combinar cores e formas, nasceu na Europa quando se utilizavam toalhas bordadas para enfeitar

vagões de trem. Esse bordado tradicional também é conhecido como bordado dos vagões. Além de servir como enfeite, é uma alternativa de lazer e renda, além de uma atividade terapêutica.

De forma geral, o bordado é um modo de decorar tecidos a partir de desenho e arte. Tem bordado que requer um tipo diferente de agulha, de tricô, de renda, de linhas e de fitas. Logo, a técnica usada é o que define o tipo de bordado, assim como a forma do ponto no tecido e os modelos de pontos. Entre os principais tipos de bordados, destacamos o ponto cruzado, ponto russo, vagonite, bordado com fitas e com pontos de cetim.

Além da pintura, muitos também se interessam em aprender a técnica do bordado, especialmente pela facilidade e pelos retornos financeiros, que podem ser alcançados com a produção diversificada.

5 ENTRE AS AÇÕES E REAÇÕES: o Instituto São José do Bonfim como promotor de ações culturais

Os projetos sociais desenvolvidos pelo Instituto São José do Bonfim foram criados para atender às famílias carentes e na esperança de lhes oferecer, por meio da arte, formas variadas de sobrevivência, isto é, maneiras de viver mais digna. Para isso, foram criados projetos de cunho social que atendam às demandas daquelas pessoas em situação de vulnerabilidade social. Entre as principais demandas estão: necessidades de infraestrutura, de informação, educação e profissionalização.

Das ações desenvolvidas pelo Instituto podemos listar as seguintes: palestras educativas e preventivas; incentivo à leitura; aulas de informática; ensino de música (teclado e violão); teatro (apresentação de peças); aulas de artesanato (exposição); assistência à saúde (médica e dentária); e assistência social e psíquica.

O curso de computação foi criado para a comunidade com o objetivo de promover a inclusão social de crianças, jovens e adultos, capacitando-os para o mundo do trabalho. Já o curso de artesanato tem a finalidade de incentivar a geração de renda para as famílias pobres que produzem e vivem na comunidade, além de desenvolver habilidades motoras e cognitivas por meio de trabalhos manuais.

As atividades culturais foram criadas no intuito de promover a identidade cultural como instrumento de transformação e inclusão social para as crianças e adolescentes da comunidade, tais como; capoeira, bumba-meu-boi dentre outras. Da mesma forma, as palestras educativas visam desenvolver atividades práticas de informação e educação para crianças e adolescentes, jovens, adultos, sobre os problemas que afetam suas vidas. Os principais temas debatidos são: drogas, violência sexual de qualquer tipo, prostituição, sexualidade, DST e outras.

A oficina de música e canto, por sua vez, incentiva a aprendizagem das crianças e adolescentes, promovendo, além do lazer, uma possibilidade de profissionalização. Sobre a ação de incentivo à leitura, essa atividade visa trabalhar o processo de alfabetização, além de discutir e relacionar temas atuais com a realidade do grupo. As ações de esporte e lazer promovem saúde e educação para as crianças da comunidade.

As atividades desenvolvidas ou realizadas no Instituto São José do Bonfim são coordenadas por apenas uma pessoa. De acordo com a coordenadora do Instituto, todos os professores estão aptos a assumir outras funções para que as atividades não parem. A coordenadora concluiu o ensino médio em Bequimão/Maranhão, seu lugar de origem, é moradora da comunidade Vila Nova e é integrante da Igreja Católica São José do Bonfim.

As atividades de cunho artístico e sociais tiveram início no Instituto em 2001, quando, por iniciativa das “irmãs Teresianas”, foi criada uma associação de mulheres para discutir e fortalecer a imagem desse público que vivia em situação de vulnerabilidade sociais. Nesse período, as reuniões aconteciam ao ar livre. O ponto de encontro era as sombras de uma árvore, próxima ao que é atualmente o Instituto São José do Bonfim.

De acordo com pesquisa realizada por Carvalho (2008), conclui que as mulheres compõem um público essencialmente importante dentro das organizações sociais:

Elas são a maioria, mas elas são invisíveis: como mulheres e como relação de gênero. Sabemos que as mulheres têm construído, nas últimas décadas, o maior movimento social que se tem notícia, o movimento de colocar a sociedade em ação, são as mulheres que compõem majoritariamente, como participantes e sujeitos principais, os diversos tipos de movimentos sociais que conhecemos (CARVALHO, 2008, p. 88).

A formação da associação teve como ponto de partida a detecção de problemas nascentes, como a falta de renda, violência, drogas, alto índice de analfabetismo, propagação de doenças infectocontagiosas e prostituição, ou seja, vulnerabilidade social. Sensível a todos esses problemas e com a intenção de chamar a atenção do poder público para minimizar tal situação, as mulheres viram na associação uma forma de compartilhar as angústias e as alternativas de sobrevivência, por meio da geração de renda, fruto dos cursos e oficinas que seriam oferecidos gratuitamente à comunidade.

As primeiras palestras versaram sobre higiene, saúde, prevenção contra drogas, prostituição, catequese, risco das ruas. Os temas escolhidos eram cotidianamente vivenciados na comunidade e deveriam ser debatidos de forma mais direta, visando combater, chamar a atenção ou minimizar tal realidade.

A associação de mulheres, criada em 2001, hoje acolhe o Instituto São José do Bonfim, entidade que recebe ajuda beneficente da ONG italiana *Fundazione Senza Frontiere* (Fundação Sem Fronteiras), que também ajuda vários projetos sociais no Brasil, principalmente na região nordeste. O recurso destina-se às despesas da casa (luz, água, alimentação, materiais de uso contínuo, mobiliário, manutenção do prédio e outros gastos necessários).

Além dessa ONG, a associação recebe doações de um grupo de práticos do Porto do Itaquí, recurso que é distribuído aos voluntários - instrutores e demais funcionários - para ajudar nos gastos com transporte, por exemplo. Além dessas doações, a Casa também recebe cestas básicas doadas por um médico, doações diversas e periódicas de outras pessoas, e mantém parcerias com o SENAC e o SESC para a realização de alguns cursos profissionalizantes.

Os primeiros cursos criados foram atividades que envolviam as artes visuais, como a customização em cartão (cartões personalizados geralmente confeccionados em datas

comemorativas); pintura em tecido (produção de pano de prato, toalhas de banho ou rosto, caminho de mesa, dentre outros produtos acessíveis, de uso corrente e possivelmente vendável, visando a geração de renda para as famílias, vagonite é uma técnica de bordado muito utilizada na confecção de guardanapos e toalhas de banho, toalhas de pratos cochas de cama entres outros.

Atualmente existem oito cursos: além dos já citados, o Instituto oferece Capoeira, Violão, Teclado, Canto, Bumba-meu-boi e Leitura.

Ao trabalhar com Artes, os alunos desenvolvem habilidades específicas. Aprendem a lidar com materiais, ferramentas, equipamentos e com elementos construtivos de cada umas das artes – sons e silêncio, no caso da música; Cores, formas, texturas e volumes, nas artes visuais; Gestos, movimentos e pausas, na dança; Palavras e silêncio, expressões, gestos e movimentos, no teatro (CARVALHO, 2008, p. 89).

As matrículas têm início sempre no começo do ano, mas, enquanto o público tiver interesse, elas podem ser feitas também no decorrer do ano. A coordenadora ressaltou que ela, pessoalmente, divulga o período de matrícula nas casas dos pais dos futuros alunos, além de fazer a propaganda utilizando o carro de som e oportunidades de divulgação na igreja. Os pais são os responsáveis pela inscrição dos seus filhos, mas nem sempre podem acompanhá-los, fato que ocasiona a ida de algumas crianças ao Instituto sozinhas e, mesmo assim, são aceitas como alunos.

Em 2017, a casa contou com cerca de 150 alunos distribuídos nas oito oficinas. Há oito instrutores e quatro funcionários e todos atuam voluntariamente, ganhando apenas uma pequena quantia para o custeio do transporte. A equipe de instrutores é formada por quatro homens (violão, teclado, canto, bumba-meu-boi e capoeira) e quatro mulheres (leitura, pintura e vagonite).

Em relação à escolarização dos instrutores, a maioria possui o ensino médio completo. Dois têm curso superior completo, e uma superior incompleto. Em relação à formação para lecionar no Instituto, todos são autodidatas, aspecto que contribui para o envolvimento na casa, já que ensinam porque gostam e não por ofício. Os instrutores são convidados e passam a fazer parte da instituição em função do seu saber e, principalmente, pelas experiências voluntárias em outros projetos sociais ou engajamento na igreja.

Dentre os critérios observados pela direção ao convidar os instrutores para o Instituto estão a atuação social e o engajamento. Além disso, querer, vontade, liderança e capacidade de motivar o grupo são outros aspectos valorizados pela direção da ONG.

As Ongs, por ser educação não formal, tem autonomia e flexibilidade para contratação os educadores, além disso as habilidades e aptidões são consideradas mais importantes do que a titulação acadêmica. [...]. Os educadores ensinam a maneira como a

aprenderam ou repetem procedimentos fique vem sendo aperfeiçoados ao longo de sua experiência em sala de aula (CARVALHO, 2008, p. 131).

Portanto, as propostas devem “ser ajustadas, desconstruídas e reconstruídas, de modo a se adequar aos educandos, a situação e aos processos de desenvolvimento desejado” (CARVALHO, 2008, p. 133).

5.1 Aspectos sociais e educativos e os objetivos alcançados no Instituto

Os aspectos sociais e de cunho educativo podem ser constatados no desenvolvimento das oficinas e nas falas alinhadas dos professores e alunos. As vantagens da adoção de atividades artísticas, que, por um lado, se desenvolvem de forma lúdica e prazerosa, estão no incentivo e na manutenção da participação por parte da comunidade no Instituto, além da frequência diária e do envolvimento contínuo. É por meio dessas atividades que esses sujeitos têm a oportunidade de experimentar mudanças sociais e educativas.

De acordo com a coordenadora, os alunos participam dos cursos oferecidos pelo instituto e ao final conseguem se inserir no mercado de trabalho, a instituição, de certa forma, alcançou os objetivos iniciais. Sobre isso, podemos citar a oficina de teclado e violão onde alguns alunos já tocam na igreja e tocam profissionalmente. Há o caso do instrutor de teclado e canto, que era aluno do Instituto e atualmente é professor nas oficinas. Outro exemplo de mudança significativa está no processo de socialização, disciplinamento, concentração e afastamento das atitudes ilícitas, resultado das participações em palestras, seminários temáticos e conversas espontâneas entre professores e alunos.

Quanto à formação acadêmica dos professores, estes são formados em áreas diferentes do seu campo de atuação no Instituto. Há um instrutor formado em pedagogia, outra estudante de enfermagem e outra de engenharia de produção. A maioria deles tem ensino médio completo e aprendeu determinada oficina com a prática cotidiana ou como aluno do próprio Instituto, a exemplo dos professores de canto e teclado, vagonite e pintura.

A oficina de bumba-meu-boi iniciou em 2003, quando as irmãs Teresianas criaram um boizinho de cofo, com o objetivo de levar cultura às crianças e ajudar na autoestima das mesmas. Carvalho (2008, p. 73) pontua que “a arte tem o poder transformador quando você pinta um quadro, quando dança ou se expressa por meio da arte, qualquer coisa que você faça e que é apreciado, sua autoestima é elevada, isto faz você renascer, mesmo que você esteja lá em baixo”. Segundo a coordenadora, as crianças eram muito tímidas e a oficina de bumba-meu-boi foi uma oportunidade de garantir a socialização por meio do “boizinho”, como era chamado.

As irmãs Teresianas compraram os materiais e enfeitaram o cofo que simbolizava o boi. Quando as freiras, em 2005, convidaram o atual instrutor do boi para dar continuidade à oficina.

Figura 2: Apresentação do Bumba-meu-boi.



Fonte: Reproduzida do Acervo do Instituto São José do Bonfim.

Figura 3: Apresentação do Bumba-meu-boi.



Fonte: Reproduzida do acervo do Instituto São José do Bonfim.

O novo instrutor relata que é prazeroso ensinar e estar com as crianças. Para a manutenção dessa oficina, a instituição recebe doações de materiais para enfeitar o boi e o restante é comprado pelo Instituto. Os integrantes têm, em sua maioria, entre seis e quatorze anos. Na oficina aprende-se a confeccionar as indumentárias. Nessa atividade, os alunos contam com a ajuda de alguns pais. As apresentações são realizadas durante o período junino.

Figura 4: Indumentárias da oficina de Bumba-meu-boi



Fonte: Fotografia Produzida pela autora.

As oficinas de vagonite e pintura também foram criadas pelas irmãs Teresianas, em 2002. As freiras ensinaram as mulheres que faziam parte da associação de mulheres para que estas pudessem garantir uma renda mensal. Atualmente, as oficinas são ministradas por uma ex-aluna, que também vive das atividades. Os materiais para a realização da oficina são adquiridos por doação e compra.

Figura 5: Oficina de pintura.



Fonte: Fotografia Produzida pela autora.

Figura 6: Oficina de vagonite.



Fonte: Fotografia Produzida pela autora.

A oficina de leitura foi um dos primeiros projetos a ser criado devido ao alto índice de analfabetismo. O objetivo era diminuir essas taxas. As irmãs começaram a ensinar e hoje a atividade está sob o comando de duas instrutoras, com apoio da coordenadora. A oficina usa livros de leitura, contos infantis e livros didáticos sobre alfabetização.

Figura 7: Sala de leitura.



Fonte: Fotografia produzida pela autora.

Figura 8: Sala de leitura.



Fonte: Fotografia produzida pela autora.

A oficina de teclado e violão começou na Igreja, quando o padre da Igreja São José do Bonfim adquiriu alguns miniteclados para as crianças aprenderem. O objetivo era que os alunos tocassem na Igreja e também se profissionalizassem. A oficina de violão iniciou em 2003, com o propósito de formação profissional, além de oferecer uma alternativa para que as crianças pudessem se desenvolver e ter cidadania. Nessa oficina, o professor sempre aconselhou e chamou a atenção para os perigos da vida secular.

Figura 9: Oficina de teclado



Fonte: fotografia produzida pela autora.

Figura 10: Oficina de violão



Fonte: fotografia produzida pela autora.

Observamos que a maioria dos professores foi aluno das primeiras oficinas com as irmãs Teresianas, em 2001. Esse fato ressalta o comprometimento desses instrutores com a promoção da cidadania, com o processo de socialização dos alunos e com a cooperação para a manutenção das oficinas. É nítida a identificação do senso de pertencimento e integração dos professores,

da comunidade e do Instituto, pois, de acordo com Carvalho (2008, p. 91), “a construção do sentimento de pertencimento é também seu construto incentivador”.

Em relação à metodologia de ensino, os professores de música utilizam o aprender sem pressionar o aluno, pois cada um aprende no seu ritmo. Sobre esse aspecto, Carvalho (2008, p. 91) explica que “as oficinas artísticas são programadas para atrair, e manter o interesse dos educandos. Motivá-los a permanecer interessados em continuar no projeto é um ponto fundamental, pois, do contrário há o risco de voltarem à situação anterior”. É por meio dessa oficina que o professor consegue transmitir valores e noções de comportamento e socialização. A professora de artesanato reitera a importância dos produtos para o aumento da renda familiar.

A professora de leitura utiliza técnicas que geram a descontração e interação entre os alunos, como brincadeiras, histórias e lendas. Dessa forma, os alunos percebem que a leitura não é uma atividade chata. Já o professor de capoeira informa que utiliza o lúdico para atrair a atenção dos brincantes. Ele começa a atividade com brincadeiras e contação de histórias.

Figura 11: Oficina de leitura



Fonte: fotografia produzida pela autora.

Figura 12: Oficina de leitura



Fonte: fotografia produzida pela autora.

No bumba-meu-boi, o professor também se preocupa com o comportamento dos alunos e aconselha nas suas atividades para os perigos do dia a dia (violência, principalmente). Como metodologia, ele sempre inicia as atividades com ações que visem à interação do grupo. É importante sinalizar “que para as propostas serem bem-sucedidas necessitam ser ajustadas, desconstruídas e reconstruídas, de modo a se adequar aos educandos, a situação e aos processos de desenvolvimento desejado” (CARVALHO, 2008, p. 133)

Ao ser questionado sobre o porquê do interesse de ser instrutor no Instituto, o professor de bumba-meu-boi comentou que é por iniciativa pessoal, pois ele teve uma experiência como os seus filhos. Quando esses estavam doentes, ele criou um boi e percebeu um considerável avanço no que se refere à interação, socialização, motivação e autoestima. Com a oficina sobre

o boi, o professor percebeu que os alunos interagiam e se entusiasmavam ao participar do boi, melhorando, até mesmo, as relações interpessoais e o seu rendimento escolar.

A preocupação com a autoestima é um dos traços que unem as Ongs. [...]. Esse aspecto é muito valorizado porque o público-alvo dessa instituição de maneira geral, incorpora preceitos negativos, alimentando, sobre si, seus sentimentos de desvalia. Necessitam, portanto, fortalecer as estruturas socioafetivas, para buscar seus próprios meios de superar as barreiras que os excluem (CARVALHO, 2008, p. 137).

Já a professora de leitura acredita na importância de poder contribuir com os alunos no processo de alfabetização e práticas leitoras, tendo em vista que o índice de analfabetismo era e ainda é muito alto. O instrutor de capoeira informou que foi convidado a ser instrutor pelas irmãs e sente prazer em ensinar as crianças. Ele acredita que por meio das oficinas pode colaborar para a formação cidadã dos alunos, pois, nesse espaço, pode conversar e aconselhá-los sobre os perigos ou riscos tão presentes na comunidade Sol Nascentes e em seus arredores.

A principal motivação do professor de violão em ser instrutor no Instituto São José do Bonfim se deve à sua percepção sobre as dificuldades relacionadas ao ensino de música na comunidade, principalmente no que se refere à falta de incentivo dessa arte. Por isso, ele resolveu ensinar por amor, já que a música desperta os melhores sentimentos.

O instrutor de teclado e canto percebeu a carência de professores e sentiu o interesse em ensinar, pois foi aluno da casa e queria, de certa forma, dar um retorno. A instrutora de pintura e vagonite se tornou professora com o incentivo das Teresianas, pois foi aluna da instituição. Para ela, foi um prazer fazer parte do Instituto e, como agradecimento, gostaria de retribuir com o seu trabalho o ensino gratuito que obteve. Já a professora de leitura disse que ao ver que aquelas crianças precisavam de ajuda sentiu a vontade de contribuir. Hoje ela se sente satisfeita por ser instrutora dessa oficina.

Figura 13: Oficina de customização



Fonte: fotografia produzida pela autoras.

Figura 14: Oficina de customização



Fonte: fotografia produzida pela autoras.

Em relação às estratégias para garantir a socialização e o desenvolvimento dos alunos, obtivemos as seguintes respostas: a professora de leitura disse que consegue ter um bom êxito na oficina e ter a atenção dos alunos. Ela utiliza a conversa e exemplos cotidianos nas suas aulas. A atitude de incentivar o diálogo, presente no trabalho pedagógico das oficinas, favorece o aperfeiçoamento da capacidade de comunicação e de fazer julgamentos. Isso é uma conquista importante, porque desenvolve a autonomia pessoal e propicia uma melhor interação social (CARVALHO, 2008, p. 90).

A instrutora de arte chama a atenção dos alunos com o ensino das técnicas de pintura e do bordado, ressaltando sempre a importância da qualidade do produto que será confeccionado. Essa é uma garantia para que os alunos consigam socializar experiências uns com os outros, demonstrar os materiais produzidos, comparar e melhorar a partir do *feedback* dos outros alunos e dos próprios professores. Além disso, os alunos usam a sua criatividade para compor todos os objetos de arte e, por certo, se sentem valorizados.

Figura 15: Oficina de pintura



Fonte: fotografia produzida pela autora

Figura 16: Oficina de pintura



Fonte: fotografia produzida pela autora

Já o professor de canto popular apresenta o seu próprio exemplo e de outros que já estudaram no instituto, sinalizando que é possível mudar, é possível melhorar, é possível viver outras experiências e ter outras expectativas de vida, diferentes daquelas que muitos alunos vivem. O professor de violão consegue atrair a atenção dos alunos executando várias músicas para despertar o interesse dos mesmos e consegue enfatizar a importância da música como profissão. Ele sempre pontua que é possível mudar de vida por meio da arte. A partir das aulas, ele percebe o desenvolvimento de muitos alunos que dizem querer seguir a profissão, seja como instrumentista ou como professor de música.

O instrutor de capoeira usa sempre a oratória, ou seja, conversas sobre temas diversos, inclusive sobre a história da capoeira, para prender a atenção dos alunos. Ademais, o professor

introduz nas suas aulas a história dos instrumentos, dos cânticos próprios da capoeira e dos movimentos corporais enquanto exercícios físicos para a preparação da dança. O professor de bumba-meu-boi pontua sempre nos seus ensaios a disciplina, os cuidados que se deve ter com a violência em seu sentido amplo.

Figura 17: Oficina de capoeira



Fonte: fotografia produzida pela autora

Figura 18: Oficina de capoeira



Fonte: fotografia produzida pela autora

Em relação aos resultados obtidos com a execução ou realização dos projetos sociais, após descrever cada uma das artes oferecidas pelo Instituto, o professor de bumba-meu-boi relata que, diante do que se busca, acredita-se que se consegue um resultado satisfatório com as crianças. Elas aprendem a dançar e, quando chegam a maior idade, conseguem ser aceitas em companhias mais conceituadas, como foi o caso de um casal de alunos que hoje dança no Boi Barriquinha.

Já a professora de leitura considera que os resultados são bons. Alguns alunos atuam como monitores e ensinam os que ainda não sabem. Os outros que já sabem ler, podem fazer as demais oficinas, o que requer a leitura como requisito. A professora conclui que a maioria aprende a ler.

A instrutora de customização afirma que os resultados são bons, pois os alunos aprendem fazendo, ou seja, praticando diariamente. Com essa prática, os alunos sempre são motivados a fazer com qualidade os seus produtos. Posteriormente, eles podem vendê-los e garantir uma renda para as suas famílias. Na oficina de teclado, os alunos aprendem a tocar e já cooperam tocando na Igreja; outros querem seguir a profissão, assim como os de violão. O professor de capoeira também acredita que os resultados são bons, pois é por meio dessa oficina que consegue conscientizar os meninos para a sua formação futura. Ele sonha em ver seus alunos como mestres nesse instituto.

5.2 A visão dos educandos

A visão dos educandos quanto ao seu desenvolvimento e socialização está ligada aos saberes e atitudes repassados durante a realização das oficinas. Na realidade, o que se observa é uma estreita relação da comunidade Sol Nascente com o Instituto.

Observamos um interesse pessoal dos alunos que participam dos cursos e que se identificam como integrantes da Casa, dando a conotação de pertencimento. Eles se veem e valorizam essa sua inserção nos projetos do Instituto; percebem que estão no projeto porque gostam. Segundo os entrevistados, quando questionados sobre o porquê de participarem dos projetos, eles responderam que na comunidade não é oferecido nenhum tipo de meio cultural, opção de lazer ou de geração de renda.

Nesse sentido, os entrevistados veem no Instituto um canal onde podem ter a expectativa de mudanças, de alguma oportunidade de futuro e que lhes proporcionem melhores condições de vida.

Sobressaem como outros fatores a possibilidade de geração de renda e o gosto pela arte, conforme se constata no relato a seguir

O interesse em participar desta oficina de vagonite e pintura foi a vontade de aprender para em conjunto com a sua vó ter uma fonte de renda. Nesse sentido o objetivo era participara dessa oficina é aprender e confeccionar peças de qualidade para venda (aluna de vagonite e pintura).

Em outras declarações é possível identificar a forte relação entre o interesse e a possibilidade de geração de renda para os participantes:

Eu não tinha nenhuma expectativa de vida. A renda dos trabalhos produzidos – pano de prato, colcha de cama, toalha de mesa, almofadas, jogo de cozinha – contribuíram para a renda familiar, gosta daqui, e daqui eu não saio (ex-aluna de vagonite e pintura atualmente exerce o cargo de merendeira no Instituto).

Atualmente, a aluna de vagonite e pintura exerce atividades no Instituto e diz que se sente bem com esse novo ofício. Nessa fala, percebemos o forte apego sentimental quando diz “daqui eu não saio”. Essa declaração revela que o Instituto contribui para a identificação social e valorização do ser humano por meio das oficinas de artes visuais. Tal aspecto é trabalhado por Carvalho (2008, p. 31), que declara:

A inclusão frequente de atividades artísticas nas propostas pedagógicas de projetos que visam integrar pessoas e socialmente crianças e jovens em situação de risco, sinaliza para a necessidade de se realizar estudos que possam alimentar discussões mais amplas, para avaliar como a arte está sendo utilizada nesses projetos, quais tem sido suas funções e ainda para melhorar a compreensão de como a arte possibilita (re)estruturar o homem e colocá-lo em equilíbrio com o meio circundante.

Outros entrevistados revelam que o objetivo em participar das oficinas é buscar o aprimoramento, seja no projeto de leitura, dança, pintura, bordado ou música. A maioria deseja continuar profissionalizando-se e seguir a carreira, além de também ajudar ao próximo.

Quando questionados sobre a contribuição desse projeto para o seu processo de integração social, alguns entrevistados concordaram que, ao participarem das oficinas, melhoram a autoestima e se sentem motivados; outros justificam que as contribuições das oficinas vão além do ensino da técnica. Carvalho (2008, p. 30) destaca que:

Na maioria dessas instituições, a arte não é tomada apenas como um meio de educação, mas como a educação em si mesma. Por meio da educação estética pretende-se propiciar o desenvolvimento integral (ativo, cognitivo, intelectual e espiritual) dos educandos, proporcionar o aprendizado técnico e teórico.

Esse aspecto também pode ser observado no relato abaixo:

A contribuição desse projeto para a minha integração social é proporcionar um momento ou espaço de descontração, de harmonia, onde além de aprender o bordado e as técnicas de pintura, são momentos de conversas, interações que contribuem muito para a superação de traumas ou de preocupações cotidianas (aluna de pintura e vagonite).

Outros sinalizam que, “ao participar dos projetos, tive a oportunidade ouvir conselhos e melhorar socialmente tanto no Instituto quanto em casa”. De fato, nas respostas analisadas, percebemos que os alunos se sentem gratos ao Instituto e aos professores pela oportunidade de aprenderem algo útil para as suas vidas. Através das oficinas, os alunos podem desfrutar de momentos harmônicos e agradáveis, sobretudo quando realizam atividades que geram integração entre todos os participantes:

Todos são iguais!!! Quando preparo a merenda, sinto prazer em distribuir para as crianças, além disso, gosto de ajudar na realização de outras atividades.

As relações sociais também são facilitadas pela realização das oficinas, mesmo aquelas que exigem um maior grau de concentração para serem realizadas, como a de leitura ou música.

Atualmente consigo me relacionar com as outras pessoas de forma mais iterativa, aumentou o meu nível de participação na própria comunidade, pois hoje posso transmitir os benefícios de participar das atividades promovidas no instituto (aluna de canto).

Outra aluna mencionou que, em relação à integração social, ela melhorou a sua timidez, pois sempre teve o incentivo do professor, o qual destacava, em todas as aulas, a importância da cidadania e da superação dos medos e das angústias que nos rondam. Esse professor citou como exemplo as suas próprias experiências de vida. Outros relataram que, por meio das oficinas, melhoraram o seu relacionamento interpessoal e a sua autoestima, bem como o seu comportamento e relacionamento familiar. Em complemento, Carvalho (2008, p. 72) esclarece essa questão:

A Arte é essencial para trabalhar a questão da autoestima, a Arte faz com o que eles vejam como uma pessoa importante, quando elas dançam e arrasam dançando, quando tocam bem, se expressam com o corpo de uma forma muito bonita, elas passam a ser citadas como exemplo pelos vizinhos em sala de aula.

Destacamos o comentário de um dos alunos que, antes de participar dos projetos no Instituto, vivia na rua e tinha dificuldade de se relacionar com os seus familiares. Isso começou a mudar a partir da sua inserção nos projetos: “Já consigo ajudar o professor, hoje não gosto mais de ficar na rua e gosto de vir para o instituto” (aluno de teclado). Esse aluno já passou por todas as oficinas do Instituto e deseja ser instrutor de teclado no mesmo. Carvalho (2008, p. 75) também esclarece que “a arte é vista, ainda, como um modo de promover a inclusão social ao propiciar o acesso aos bens culturais, bem como de transmitir conhecimentos e favorecer reflexões sobre a esfera sociocultural em que estão circunscritos”.

Quando questionados sobre o desenvolvimento pessoal e econômico, as respostas são quase unânimes em relação à influência na escolha da profissão. Esse aspecto revela a eficácia do ensino, da metodologia empregada durante a realização dos cursos e da dedicação que todos os envolvidos empenham durante as atividades.

Levar para a vida aquilo que aprenderam no Instituto é perceber que a arte toca na subjetividade das pessoas. Por meio dela, os alunos vislumbram outras perspectivas, outras oportunidades de se relacionar com o mundo e consigo próprio. Mesmo não seguindo na área do projeto desenvolvido, é por meio da integração e participação diária nas oficinas que o aluno recebe o incentivo para continuar os estudos, realizar outras atividades que contribuem para a formação cidadã e chamar a atenção para a valorização do social e do cuidado com o próximo.

Ao participar desse projeto houve uma mudança significativa de vida, há uma satisfação pessoal, posso vislumbrar possibilidades de geração de renda, a auto estima foi trabalhada e a superação da rebeldia que era muito evidente. Hoje tenho o domínio das minhas ações e me relaciono melhor com as pessoas (aluna de vagonite e pintura).

Outra participante da pesquisa relatou que se sente feliz em ser da Casa. Há uma forte relação de pertença, ou seja, a mesma valoriza o que faz e diz que se sente grata pelo Instituto ter lhe aberto as portas para a geração de renda. Outra aluna, que atualmente compõe o quadro de voluntários do Instituto, declara que as oficinas contribuíram para o seu desenvolvimento pessoal e econômico.

Aprendi a levar as coisas boas para os meus filhos, aprendo a tratar meus filhos com carinho, além disso, faço atividades na minha residência para completar a despesa da minha casa (aluna de vagonite e pintura).

Os relatos dos alunos de canto demonstram uma boa expectativa, pois a maioria das opiniões é de adolescentes que ainda não trabalham, ou seja, não são responsáveis pelo seu

sustento. Segundo esses alunos, apesar de ainda não verem o retorno financeiro, pretendem continuar estudando, se formar em uma área e seguir como instrutores no Instituto.

Sobre as expectativas em torno do término do curso, a maioria dos alunos se sente motivado a seguir a carreira e/ou a ser instrutor na Casa, demonstrando nos seus relatos um forte sentimento de solidariedade e gratidão. São pessoas sensíveis às causas sociais e que valorizam a pessoa humana. A arte, nesse caso, foi o mecanismo utilizado pelo Instituto para proporcionar esse apreço e entendimento do que é ser humano. O envolvimento nas atividades artísticas e a natureza das atividades possibilitam ver as coisas com mais naturalidade e menos rigor, segundo os entrevistados.

Por meio da arte, os conselhos podem ser repassados com mais leveza. As preocupações com a vida cotidiana, em parte, podem ser repensadas e solucionadas a partir das reflexões e análises que se fazem diariamente, nas conversas informais, nos diálogos não agendados, mas que surgem naturalmente e espontaneamente durante a realização das oficinas.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve a finalidade de investigar até que ponto as manifestações culturais promovidas pelo Instituto São José do Bonfim, nesse caso, as ações mais relacionadas as artes visuais, ajudam as pessoas de diferentes idades, diferentes níveis de vulnerabilidade social e com diferentes perspectivas de vida se desenvolverem no campo social, econômico, educativo e cultural.

Observando este ambiente de educação não-formal e com as lentes de quem pesquisa e apura os dados com sutileza e atenção pude perceber que há uma união e harmonia naquele local. A fala da coordenadora está estreitamente alinhada com os demais integrantes, ou seja, os instrutores, funcionários e alunos.

O que se percebe é que as oficinas por si só não se definem como suficientes para a promoção do desenvolvimento integral dos alunos, fica nítido, nessa perspectiva é que, o caráter filantrópico, o voluntariado tem influenciado de maneira eficiente no desenrolar das atividades e impactado de forma positiva no olhar que os alunos tem sobre o seu aprendizado, sobre a sua relação com o mundo e consigo mesmo. É no encontro com o outro, é nas formas de tratar coletivamente e principalmente nas opções de exercícios futuros promovidos com as oficinas que esse aspecto pode ser mais ressaltado.

Podemos também ressaltar que ao participar do Instituto os alunos revelam que houve uma mudança significativa de suas vidas, alguns que viviam em situação de vulnerabilidade social, ou não tinham opção de fazer algum curso que contribuísse para a sua instrução, ao participar dos projetos de dança, pintura, bordado, música conseguiram vislumbrar outras perspectivas de vida, pois a maioria relatou que ao completar a maior idade querem dar o retorno ao Instituto, exercendo alguma atividade de cunho educativo.

Especificamente sobre as atividades relacionadas as artes visuais o que se observa é que a maioria dos alunos preferem realizar as oficinas de pintura, bordado, e confecção de cartões pelo fato de lhes proporcionar um retorno financeiro imediato. Ao longo da realização da oficina já é possível confeccionar panos de prato, caminho de mesa ou outros produtos para a venda. Essas oficinas tem um duplo papel para os alunos e professores, desenvolver habilidades artesanais e, por meio de um ambiente amistoso, harmônico, na transmissão de valores, instrução sobre violência, cuidado com a saúde e o estímulo ao ensino formal. No

momento em que acontece as oficinas os instrutores aproveitam para conversar aleatoriamente sobre os assuntos diversos e, de certa forma, orientar os alunos sobre os riscos cotidianos.

Na conversa que tivemos com os alunos observamos que eles se sentem felizes, satisfeitos e esperançosos com o seu futuro. Frequentam o Instituto por vontade própria, pois muito se quer são incentivados pelos pais. Esse aspecto nos faz deduzir que eles veem no Instituto uma saída para o estado de caos em que se encontram, veem também que por meio das oficinas podem ter uma nova perspectiva de vida, podem ter outras oportunidades e sair da situação de vulnerabilidade em que se acham.

Observamos que o trabalho promove a todos o processo de socialização. Essa escola não-formal através das artes e das manifestações artísticas concretiza o lado social das crianças, eleva a estima, eles se sentem felizes quando dançam, no bumba meu boi ou na capoeira. Elas expressam sua alegria! E dizem que são muito **felizes!** como também os alunos que tocam teclado ou violão dizem que tem um sentimento de satisfação quando se apresentam.

Com a experiência que tive ao frequentar e participar de algumas comemorações festivas comemorativas feita pelo Instituto São José do Bonfim pude perceber que através da arte, há uma transformação na vida daquelas pessoas (aluno), a arte atua como terapia e também intencionalmente como possibilidade de geração renda para suprir necessidades básicas daquela comunidade.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Andreia. A explosão das ONGS no mundo e no Brasil e seus reflexos no espaço rural fluminense. ENCONTRO NACIONAL DE GRUPO DE PESQUISA. ENGRUP, São Paulo, 2008, p. 8-25.
- AMARAL, Kleide Ferreira. **Pesquisa em música e educação**. São Paulo: Loyola, 1991.
- CARVALHO, Livia Marques. **O ensino de artes em ONGs**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.
- FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação e sociedade**, v. 28, n. 99, Campinas, maio/ago. 2007.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Fios e tramas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- GONH, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio aval política educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, jan./mar. p. 27-38. 2006.
- _____. Educação não formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000009200600100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **A Música e o Risco**. São Paulo: Edusp, 2006.
- KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 10, p. 43-51, mar. 2004.
- KLEBER, Magali Oliveira. **A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro**. 355 f. 2006. Tese (Doutorado em música) – Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- INSTITUTO SÃO JOSÉ DO BONFIM: ações socioeducativas. São Luís, 2012.
- LEMONS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda. Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce**. 111 f. 2011. Dissertação (Mestrado profissional em avaliação de políticas públicas) – Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2011.
- MACHADO, Aline Maria Batista. O percurso histórico das ONGS no Brasil: perspectivas e desafios no campo da educação popular. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 9., 2012, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível

em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/5.05.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MAZZOTA, Marcos J. da Silveira. Inclusão e integração ou chaves da vida humana. **Anais... CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Diversidade na educação: desafio para o novo milênio, Paraná, v. 1, p. 49-53, 1998.

MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MELO, Rodrigo; MELLO, Bruno Silva Tarcia. **Mais melodia, som e cidadania**: a inclusão social promovida pelo programa de inclusão através da música e das artes. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revista/cintadi/trabalhos/pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

PALHARES, Leandro Ribeiro. **Processo de constituição identitária do capoeirista**: contribuição dos grupos de capoeira na configuração da subjetividade dos seus praticantes. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2016/06/Leandro.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PACIEVITCH, Thaís. **Inclusão Social**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/inclusao-social/>>. Acesso em: 18 set. 2012.

RIBEIRO, Raimundo Luiz. **Inclusão através do projeto música no Munim**: musicalizando crianças e jovens. 40 f. 2012. Monografia (Graduação em música) – Curso de música. Universidade Federal do Maranhão, 2012.

SANTOS, Rosirene Campêlo dos; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Revista pensar a prática**. v. 6, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16052/9836>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SANTOS, Carla Pereira dos. Educação Musical no âmbito dos projetos sociais: reflexões e práticas. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM NACIONAL E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 16. Campo Grande: UFMS, 2007.

SANTOS, Maria da Conceição Chará dos. **A importância da atividade artesanal no desenvolvimento de alunos com perturbações intelectuais**. 313 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2014.

SASSAKI, Romeu K. **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
SILVA, Gabriele Mendes. **Cidadania e inclusão social através da música erudita**: projetos sócio-educacionais em Florianópolis. Monografia do curso de Bacharelado em Música com habilitação em Violino. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte. Ninguém aprende samba no colégio? Eu vou! Por que não? In: VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte de; PRADOS, Rosália Maria Netto; SCHMIDT, Cristina (Org.). **A música como negócio**: políticas públicas e direitos de autor. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS
PROFESSOR GERSINO DOS SANTOS MARTINS
ALUNA MARIA JULIETA ROCHA DA SILVA

OBJETIVO DA PESQUISA: investigar de que modo as atividades artísticas desenvolvidas no Instituto São José têm promovido a socialização e desenvolvimento humano na comunidade Sol Nascente – Vila Nova.

COORDENADOR

Oficina _____

Data de criação _____

Objetivo da oficina

Número de alunos atuais _____ número de formados _____

Número de professor _____

Há ajuda de custo

Resultados

ASPECTOS SOCIAIS

ASPECTOS ECONÔMICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS
PROFESSOR GERSINO DOS SANTOS MARTINS
ALUNA MARIA JULIETA ROCHA DA SILVA

OBJETIVO DA PESQUISA: investigar de que modo as atividades artísticas desenvolvidas no Instituto São José têm promovido a socialização e desenvolvimento humano na comunidade Sol Nascente – Vila Nova.

Professor

Oficina

Formação/ano

Já foi aluno do Instituto São José do Bom

Fim

Há quanto tempo é

professor

Metodologia adotada no ensino da oficina

Motivos que o levou a se interessar pela atividade de professor dessa oficina no Instituto

Quais estratégias utilizadas para garantir a integração e desenvolvimento dos alunos

Resultados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS
PROFESSOR GERSINO DOS SANTOS MARTINS
ALUNA MARIA JULIETA ROCHA DA SILVA

OBJETIVO DA PESQUISA: investigar de que modo as atividades artísticas desenvolvidas no Instituto São José têm promovido a socialização e desenvolvimento humano na comunidade Sol Nascente – Vila Nova.

Aluno

Como você ficou sabendo do projeto

O que o levou a participar desse projeto

Qual o seu objetivo nesse projeto

Qual a contribuição desse projeto para o seu processo de integração social

De que forma esse projeto contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e econômico

Qual a sua expectativa ao término desse projeto
